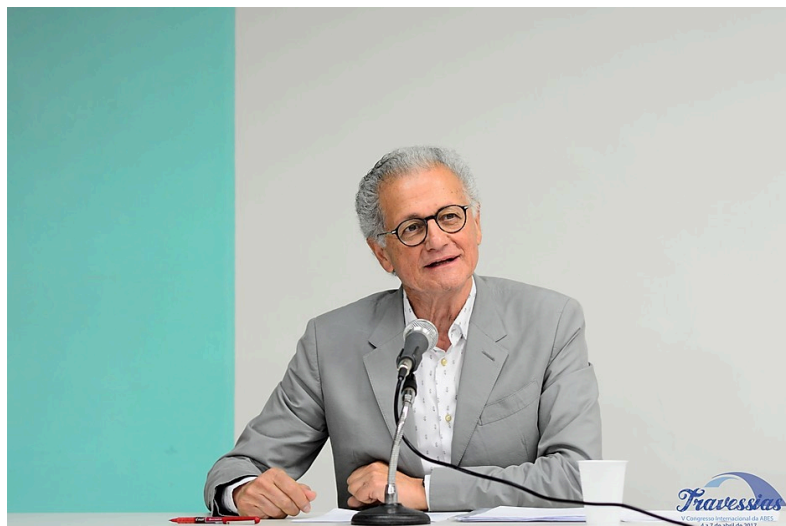


abes



(Fonte: Foto Studio Kaena, Acervo ABES, 2017)

PAOLO FABBRI (1939-2020)

Nesta manhã fria de 2 de junho de 2020, que prenuncia um longo inverno no Brasil em mais de um sentido, a comunidade semiótica brasileira recebeu de Pierluigi Basso Fossali, Presidente da Associação Francesa de Semiótica, a triste notícia da morte de Paolo Fabbri (1939-2020), semioticista italiano que dedicou toda a sua vida à semiótica, às artes e à difusão da língua e da literatura italianas, transferindo a tudo o que tocava seu brilho sagaz, sua irreverência e seu talento de polemista e frasista.

Leitor e admirador de Fabbri, fui conhecê-lo somente em 2015, no Colóquio de Albi, como um dos apoiadores da Federação Românica de Semiótica, e depois pude passar alguns dias com ele em Niterói, em 2017, por ocasião do V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Estudos Semióticos, em que fui mediador de uma de suas mesas e pude me divertir com a “metralhadora Fabbri”, que se superava na arte dos parênteses.

Paolo Fabbri – transformado por Umberto Eco em “Paolo da Rimini” (Rimini, sua cidade natal) em *O nome da rosa* – foi um homem “indisciplinar”, deliberadamente indisciplinado, diriam alguns, que jamais se contentou com etiquetas teóricas, mas que ao mesmo tempo defendia, com todo o arsenal bélico da sua erudição, a semiótica discursiva, ainda que fosse conhecedor e apreciador das várias correntes semióticas.

Precoce e entusiasmado, da sua graduação em Direito na Università di Firenze, em 1962, e do ingresso como aluno regular da École Pratique des Hautes Études, em 1965, apenas uma década se passou para que se afirmasse como professor visitante em Berkeley/EUA (1974) e pesquisador associado no CNRS/França (1977) – EUA e França, terras míticas da sua jornada intelectual.

Professor em Bologna, e também em Veneza, Urbino, Milão e Roma, Paolo Fabbri se consagrou como um grande viajante e diplomata da semiótica, sempre consciente dos desafios que o ensino pressupunha como “campo de manobras didáticas” (“Champs de manœuvres didactiques”, *Actes Sémiotiques – Le Bulletin*, n. 7, 1979).

Proporcionalmente ao vigor e à penetração do seu pensamento, dizia-se que aquele que nos legou uma enorme gama de artigos, ensaios, apresentações, prefácios, posfácios e traduções escrevia “pouco”. Seu estilo na escrita era sintético, programático e lapidar, seu ensino oral era franco e ao mesmo tempo barroco e indócil (*Elogio di Babele*, Booklet Milano, 2003), como podemos ver nas lições transcritas em *La svolta semiotica* (Laterza, 1998), uma das suas obras-testamento. Dedicou seu tempo mais a pensar, criar, editar, traduzir, agitar(-se) intelectualmente e a estabelecer interlocuções do que a escrever volumosos tratados.

Dândi na plasticidade do pensamento, Paolo foi essencialmente um homem de coerência e rigor em relação ao projeto semiótico. Perguntava-se se a semiótica, pela análise frequente de discursos científicos, não acabaria por ser influenciada, já que “ela é ciência da ciência que ela é” (“Pretextes: doigt et doigté”, com F. Bastide, *Actes Sémiotiques – Le Bulletin*, n.337, 1985). E não via nessa influência risco algum, mas a garantia de que poderíamos avançar sob bases seguras de “pertinência e adequação”, evocadas na sua robusta introdução à versão italiana do *Dicionário de Semiótica*, que considerava um “dicionário sem meios termos” (“Pertinence et adéquation”, *Nouveaux Actes Sémiotiques*, n. 19, 1992).

Essa clareza sobre os pressupostos científicos e formais da semiótica apareceria igualmente no esclarecedor prefácio à tradução em língua inglesa de *Sémiotique des passions*, de Greimas e Fontanille (1991), assinado com um dos seus tradutores, Paul Perron, em que enfatiza o caráter articulado e modular da teoria: “A estratégia de Greimas foi conceber (...) uma semiótica patêmica fundada em seu próprio e previamente elaborado modelo de semiótica da ação” (“Foreword”, in *The semiotics of passions: from states of affairs to states of feelings*, University of Minnesota Press, 1993).

Da sua oralidade prodigiosa e generosa, como nos lembra a introdução de Pierluigi Basso Fossali e Lucia Corrain a *Eloquio del senso: dialoghi semiotici per Paolo Fabbri* (Costa & Nolan, 1999), muitos puderam desfrutar, especialmente amigos e colegas como Greimas, Barthes, Eco, Lyotard, Genette, Jameson, Verón, Latour e Calvino, sem contar seus tantos companheiros e amigos de geração na construção da semiótica discursiva, como Jacques Fontanille, Denis Bertrand, Eric Landowski, Diana Luz Pessoa de Barros, José Luiz Fiorin, Françoise Bastide, Manar Hammad e Jacques Geninasca, entre outros.

Com mais de 80 anos, de anfiteatro em anfiteatro, de estalo em estalo, Paolo Fabbri não parecia achar sossego. Uma de suas últimas paixões semióticas foi a tatuagem (“um complexo dispositivo semiótico”), de que nos falou entusiasmadamente numa noite fresca de abril na praia de Icaraí, Niterói, em 2017, anunciando os trabalhos que vinha fazendo num projeto europeu que deu origem a um colóquio, resultando na publicação de *Iconologie del tatuaggio: scritture del corpo e oscillazioni identitarie*, organizado por G. Marrone e T. Migliore (Meltemi, 2019), que traz uma contribuição sua: “Artificare il tatuaggio: un dermatoscopia semiotico”.

O faiscante Paolo, que não se cansava de insistir sobre a importância de se didatizar a semiótica e de se revelar à sociedade a sua eficácia, via a difusão da semiótica como “urgentíssima e de primeira ordem”. Entre diferentes urgências e prioridades, o inquieto e resiliente viandante nos deixou.

Araraquara, 02 de junho de 2020.

Jean Cristtus Portela
Presidente da Associação Brasileira de Estudos Semióticos